



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

RUTH DAYVE DA NÓBREGA GONÇALVES

**ORIENTAÇÃO SEXUAL:
UM DESAFIO NOS ANOS INICIAIS**

CAJAZEIRAS - PB

2009

RUTH DAYVE DA NÓBREGA GONÇALVES

**ORIENTAÇÃO SEXUAL:
UM DESAFIO NOS ANOS INICIAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



G635o Gonçalves, Ruth Dayve da Nóbrega.
 Orientação sexual: um desafio nos anos iniciais / Ruth
 Dayve da Nóbrega Gonçalves. - Cajazeiras, 2009.
 40f.

 Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
 Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
 Professores, 2009.
 Contém Bibliografia.
 Não disponível em CD.

 1. Educação sexual. 2. Sexualidade Infantil. 3. Ensino
 fundamental- orientação sexual. I. Lima, Maria Janete de.
 II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
 Formação de Professores. IV. Título

CDU 37:613.88

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA**

RUTH DAYVE DA NÓBREGA GONÇALVES

ORIENTAÇÃO SEXUAL: UM DESAFIO NOS ANOS INICIAIS

Data da aprovação ____ / ____ / ____

Orientador
MS. MARIA JANETE DE LIMA

CAJAZEIRAS – PB
2009

"A orientação inicial que alguém recebe da educação também marca a sua conduta ulterior."

Platão

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Aos meus familiares, noivo e amigos

A vocês que entenderam minhas faltas, que souberam aceitar minhas ausências e se mantiveram ao meu lado quando eu mais precisava, incentivando – me a prosseguir na caminhada, quero dedicar de coração esta conquista e agradecer – lhes a confiança em minha vitória.

Dedico

AGRADECIMENTOS

- *A Deus que nos dá luz para fortificarmos nossa fé, força para enfrentarmos os obstáculos da vida e coragem e sabedoria para seguirmos em nossos estudos;*
- *Aos mestres, que com toda dedicação nos passou conhecimentos, sabedoria, experiências, e críticas, quando necessário.*
- *Aos amigos e amigas, pelo brilho da amizade, que direta ou indiretamente contribuíram para a realizaram deste trabalho;*
- *A todos que contribuíram para realização deste trabalho,*

Meu muito obrigada.

RESUMO

A sexualidade é extremamente importante em todas as fases do desenvolvimento humano. É uma necessidade básica do ser humano, que não pode ser dissociada de sua vida, pois envolve sentimentos, pensamentos e ações. Por ser história e cultura, a compreensão da sexualidade humana é dinâmica e mutável. Portanto, não só no mundo adulto, como também no infantil, o tema sexualidade tem singular importância. Estudos apontam que, mesmo ciente da responsabilidade que tem no processo de desenvolvimento da sexualidade das crianças, juntamente com outras instâncias da sociedade, a escola nem sempre se envolve com o tema na intensidade necessária, e, muitas vezes, quando o faz é de modo reducionista, atendo-se as questões biológicas da reprodução. Nesse sentido, o presente estudo procurou averiguar como as séries iniciais do ensino fundamental se relacionam com a temática sexualidade, se a mesma é abordada neste espaço escolar, como é abordada, se não é abordada, identificar os motivos que justificam a sua exclusão. Para alcançar o objetivo de identificar como se encontra a Orientação Sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema e pesquisa de campo, com aplicação de questionários aos educadores de uma escola pública da cidade de São João do Rio do Peixe, além de uma pesquisa com os alunos da escola acima citada, onde depositaram em uma caixa lacrada perguntas sobre sexualidade, sem identificarem-se. A pesquisa aponta a inexistência de uma proposta de orientação sexual na escola, a carência de materiais adequados para a abordagem do tema e uma elevada angústia dos professores, que se sentem despreparados para assumir tal desafio, devido à falta de conhecimento teórico e também, por carregarem muitos preconceitos, mitos e tabus que a própria sociedade reforça. Enquanto os professores sentem-se despreparados para educar sexualmente, as crianças internalizam informações que nem sempre tratam do assunto de forma clara e significativa ao seu desenvolvimento e também possuem várias dúvidas, que ocasionam angústia e tensão às mesmas, podendo influenciar até mesmo no aprendizado escolar. O estudo sinaliza para a importância do professor no trabalho de Orientação Sexual na escola de Ensino Fundamental, realizando uma ação pedagógica de orientação aos alunos e pais.

Palavras-chave: sexualidade, orientação sexual, escolas, professor.

ABSTRACT

Sexuality is extremely important in all stages of human development. It is a basic need of human beings, which can not be dissociated from his life, because it involves feelings, thoughts and actions. Because history and culture, the understanding of human sexuality is dynamic and changeable. Therefore, not only in the adult world, but also in children, the issue of sexuality has singular importance. Studies suggest that even aware of the responsibility we have in the development of children's sexuality, along with other civil society, the school does not always engage with the theme in the necessary intensity, and often when it is so reductionist, in keeping with the issues of biological reproduction. Accordingly, this study sought to ascertain how the initial grades of elementary school are related to the sexuality issue, if it is approached in a school environment, as it is approached, if not addressed, identify the reasons for their exclusion. To achieve the objective of identifying how is Sexual Orientation in the first grades of elementary school, we conducted a survey of literature on the subject and field research, with questionnaires to teachers of two schools in Coromandel: Escola Municipal Antônio Matias Pereira and State School Osório de Moraes, and a survey of school students mentioned above, where placed in a sealed box questions about sexuality, without identifying themselves. The survey notes the absence of a proposal for sexual orientation in school, lack of materials suitable for handling the issue and high anxiety of teachers who feel unprepared to take on this challenge, due to lack of knowledge and also, for carry many prejudices, myths and taboos as the company increases. While teachers feel unprepared to educate sexually, the children internalize information that does not always treat the matter in a clear and meaningful to their development and also have many questions that cause anxiety and tension to it, and can even influence academic achievement . The study indicates the importance of the teacher in the work of Sexual Orientation in elementary school, performing an action guide for students and parents.

Keywords: sexuality, sexual orientation, schools, educational psychologist, teacher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I - CONCEITO E BREVE HISTÓRICO SOBRE A SEXUALIDADE	12
1.1 As Fases do Desenvolvimento da Sexualidade Infantil	16
CAPÍTULO II - A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA	23
2.1 A Postura do Educador	25
CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DA PESQUISA	29
3.1 Estudos de Caso	29
3.2 Análise dos Dados dos Questionários dos Professores	29
3.3 Análise dos Dados dos Questionários dos Alunos	31
3.4 Análise da Regência	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	39
ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

Dentre os maiores temas da atualidade, a questão da sexualidade é um que vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões que envolvem o meio educacional. Ela é considerada fundamental na formação da personalidade das pessoas e principalmente das crianças, já que esta é uma necessidade básica do ser humano, estritamente relacionada aos pensamentos e ações. Observando a forma de como a sexualidade vem sendo trabalhada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ou em sua maioria silenciada pelos educadores que buscam meios e desculpas para não trabalhá-la, desse modo, surgiu o interesse em conhecer a concepção e o modo como os educadores trabalham acerca das questões relacionadas à sexualidade, bem como a prática pedagógica destes naquilo que se refere às expressões e implicações desse tema.

Desse modo, este trabalho monográfico procurou ver com cuidado se a E.E.Fundamental Cônego Manoel Jácome têm exercido seu papel de Orientação Sexual, fornecendo aos alunos o subsídio necessário para o desenvolvimento de uma consciência crítica e a tomada de decisões responsáveis acerca de sua sexualidade. Esse trabalho teve o objetivo de levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos acerca de como os anos iniciais do ensino fundamental se relacionam com a temática sexualidade, se a mesma é abordada neste espaço escolar, como é abordada, se não é abordada, identificar os motivos apontados pelas professoras que justificam a não abordagem deste tema e refletir como o professor pode intervir nessa realidade.

Os resultados encontrados são o produto de uma pesquisa de cunho qualitativo, na qual foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema e pesquisa de campo, na escola acima citada, junto a alguns professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, principalmente no quinto ano, por meio da aplicação de questionário, além de uma pesquisa com os alunos daqueles educandários, os quais depositaram em uma caixa lacrada perguntas sobre sexualidade.

A questão da Orientação Sexual é um dos temas transversais proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, do MEC, que busca a compreensão e reflexão da realidade social, construindo assim a cidadania. A proposta da inclusão da Orientação Sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental data hoje dez anos, haja vista foi lançada em 1996, buscando evidenciar se a as escolas, nessa década, têm inserido essa proposta a seus currículos, se os

professores têm incorporado seu papel de educadores sexuais, se os cursos de formação de professores têm incluído programas de formação do educador sexual, é uma questão a se verificar e refletir.

Orientar sexualmente não significa informar. A simples passagem de informações, embora muito relevante e de fundamental importância para o processo educativo, não se constitui, em si mesma, nesse processo. Fornecer informações sobre determinados fatos não é, isoladamente, um processo de orientação ou educação, embora possa fazer parte do processo. Informar é uma atividade de ensino, de instrução, e não de orientação, ao menos enquanto a informação for passada isoladamente, pois a informação não muda comportamentos.

A questão da orientação sexual está embaraçada num mecanismo mais elaborado, segundo o qual, está baseando em sua experiência e em seus conhecimentos, o orientador ajuda o orientando a analisar as diferentes opções disponíveis, tornando-o, assim, apto a descobrir novos caminhos. Orientar, no sentido mais amplo, significa educar, formar, não na acepção de que o educando seja uma cópia do educador, mas sim, na de que o educador dá ao educando condições e meios para que ele cresça interiormente. O conceito de Orientação Sexual aqui explicitado é a preparação, o ato de levar a criança a vivenciar sua sexualidade de forma natural, saudável, prazerosa e consciente, sabendo tomar decisões, se posicionar e reconhecer até onde vai sua liberdade e também limites.

Tida pela maioria das sociedades como um lugar adequado para a Orientação Sexual, a escola tem a missão de colaborar com a família na educação das crianças. Aos pais cabe o direito e o dever da Orientação Sexual dos filhos. Este direito/dever existe independentemente da missão da escola e até a precede. Uma vez reconhecido seu direito, compete aos pais tomar plena consciência de sua missão nesse campo da Orientação Sexual, o que supõe preparar-se adequadamente para isto, esforçar-se por vencer as resistências e conservadorismo, buscar permanentemente o equilíbrio psicosexual. A família e a escola, juntas formam lugares com missões específicas para cada um embora estejam ligados na unidade de projeto comum. É importante ressaltar que a sociedade também executa um papel decisivo da Orientação Sexual de todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Para tanto, este trabalho está dividido em três capítulos, os quais enfocam as implicações da sexualidade infantil, o trabalho de Orientação Sexual nas instituições escolares e o papel do professor frente a essa realidade.

No primeiro capítulo é abordado o conceito de sexualidade e levantado um breve histórico sobre a mesma, além de elucidar as fases do desenvolvimento sexual infantil e as manifestações da sexualidade da criança e do Adolescente.

O segundo capítulo enfoca a questão da Orientação Sexual na escola, discorrendo sobre a importância da mesma ser tratada no ambiente escolar, a postura do educador frente a esse trabalho e a análise dos resultados da pesquisa científica, enfatizando o papel do professor na Orientação Sexual realizada na escola e ressaltando o trabalho pedagógico junto ao aluno, ao professor e à família.

O terceiro capítulo apresenta o estudo de caso, a análise dos questionários de professores e alunos e a análise da regência.

E por fim, têm-se as considerações finais. Nelas, serão enfocadas as questões que mais se destacaram no presente trabalho.

CAPÍTULO I

CONCEITO E BREVE HISTÓRICO SOBRE A SEXUALIDADE

Atualmente, observa – se a ocorrência de muitos estudos ligados a questão da sexualidade humana, pois essa é extremamente importante em todas as fases do nosso desenvolvimento. A sexualidade é um assunto que tem grande relevância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois esta se relaciona com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Em seus estudos, Freud (1856-1939), diz que a sexualidade "é algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento." (FREUD apud GUIA DE ORIENTAÇÃO, 1994). Freud foi o primeiro a descrever o impacto das experiências da infância sobre o caráter do adulto, reconhecendo a atividade e o aprendizado sexual das crianças.

A qualidade da sexualidade não está ligada apenas ao aspecto corporal. Ela tem a ver com o mais profundo do nosso ser, com a nossa razão e com os sentimentos. A sexualidade não se refere apenas à questão biológica, ao conjunto de características funcionais e anatômicas do corpo humano, ao ato sexual. A concepção de sexualidade é, porém, muito mais ampla, pois refere-se às questões da razão e dos sentimentos, sendo também uma questão cultural. Cada sociedade cria medidas e padrões para o comportamento sexual dos indivíduos.

No período da Idade Média, acreditava-se que as crianças eram seres "puros" e "inocentes" que não tinham sexualidade a expressar; e as manifestações da sexualidade infantil possuíam a conotação de algo feio, sujo, pecaminoso, cuja existência se devia à má influência de adultos. As formulações conceituais sobre sexualidade infantil ainda hoje não são conhecidas ou aceitas por toda a sociedade e até mesmo por parte dos profissionais que se ocupam de crianças, inclusive educadores, que se recusam a tratá-la como um tema a ser trabalhado em sala de aula.

A sexualidade humana tem basicamente uma questão que a torna diferente; é a questão da pulsão, pois nós não somos tal como os animais, movidos por instinto, mas por pulsão, termo proposto por Freud para dar a idéia de algo que fica exatamente no limite entre o orgânico e o psíquico.

Nos dias atuais, compreende-se que os contatos de uma mãe com seu filho despertam nele as primeiras vivências de prazer. Essas primeiras experiências sensuais de vida e de prazer não são essencialmente biológicas, mas se constituirão no acervo psíquico do indivíduo; serão o embrião da vida mental no bebê. A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância. A sua vivência saudável é fundamental na medida em que é um dos aspectos essenciais de desenvolvimento global dos seres humanos.

A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Os adultos reagem de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratórios que a criança faz em seu corpo e aos jogos sexuais com outras crianças. As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou "julgamento" do mundo adulto em que está imersa, permeado de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de prazer, o que comporá a sua vida psíquica.

Nessa exploração do próprio corpo, na observação do corpo de outros, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina. Preocupa-se então mais intensamente com as diferenças entre os sexos, não só as anatômicas, mas também com todas as expressões que caracterizam o homem e a mulher. A construção do que é pertencer a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade, e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões são oriundos das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos e transmitidas através da educação, o que atualmente recebe a denominação de relações de gênero. Essas representações absorvidas são referências fundamentais para a constituição da identidade da criança.

Através de um estudo historiográfico, (FOUCAULT, 1997) demonstra que a sexualidade das crianças e particularmente dos adolescentes, é preocupação escolar desde o século XVIII, quando esta questão tornou-se um problema público. Assim, a instituição pedagógica da época não impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, concentrou as formas de discurso neste tema, estabeleceu pontos de implantação diferentes, codificou os conteúdos e qualificou os locutores. Tudo isso permitiu vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso.

Na busca de compreender a Orientação Sexual na escola, Vidal (1998, 108-109), resalta que no Brasil, a inserção da educação sexual na escola operou-se a partir de um deslocamento no campo discursivo sobre a sexualidade de crianças e adolescentes. Nos anos 1920 e 1930, os problemas de "desvios sexuais" deixaram de ser percebidos como crime para serem concebidos como doenças. A escola passou a ser tida como um espaço de intervenção preventiva da medicina higiênica, devendo cuidar da sexualidade de crianças e adolescentes a fim de produzir comportamentos normais.

No segundo semestre metade dos anos 60, algumas escolas públicas do Brasil desenvolveram experiências de educação sexual. Todavia, elas deixam de existir em 1970, após um pronunciamento da Comissão Nacional de Moral e Civismo dando parecer contrário a um projeto de lei de 1968 que propunha a inclusão obrigatória da Educação Sexual nos currículos escolares. Em 1976, a posição oficial brasileira afirmou ser a família a principal responsável pela educação sexual, podendo as escolas, porém, inserir ou não a educação sexual em programas de saúde. (ROSEMBERG, 1985).

Durante os anos 1980, a polêmica continuou. A preocupação dos educadores intensificou-se, devido ao elevado índice de contaminação dos jovens com doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejadas. Todavia, as modificações ocorreram quase que exclusivamente em nível de discurso.

Já nos anos 90, a preocupação dos educadores quanto à inserção de um programa de Orientação Sexual no currículo escolar se intensificou. Em 1996, é lançado pelo Ministério do Desporto e Educação, um documento sobre a Orientação Sexual, nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, como tema transversal, visando ser um referencial fomentador da reflexão sobre os currículos escolares, uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas escolares. De acordo com os PCN's, o tema transversal de Orientação Sexual deve impregnar toda a área educativa do ensino fundamental e ser tratado por diversas áreas do conhecimento. O trabalho de Orientação Sexual deve, portanto, ocorrer de duas formas: dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e como extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema.

Vidal cita que enquanto nos anos 30 a discussão sobre educação sexual eclodiu na escola num momento em que a sífilis fazia numerosas vítimas, atualmente a intensificação das

preocupações com a orientação sexual na escola está vinculada à proliferação de casos de AIDS/DST e ao aumento de casos de gravidez entre adolescentes. (VIDAL, 1998)

Vinte anos depois de a mídia tornar público o primeiro caso de Aids, estima-se que as mortes causadas pela doença já chegam a 22 milhões. A incidência de adolescentes entre 10 e 14 anos grávidas no Brasil aumentou 7,1% entre 1980 e 1995. Atribui-se à escola a função de contribuir na prevenção dessa doença e dos casos de gravidez precoce.

Em uma de suas reportagens o jornal A Folha de São Paulo diz: "o melhor método anticoncepcional para as adolescentes é a escola: quanto maior a escolaridade, menor a fecundidade e maior a proteção contra doenças sexualmente transmissíveis." (FOLHA DE SÃO PAULO, 2001)

Compreende-se que a Orientação Sexual inserida nas escolas é de tal relevância para o bem estar das crianças e dos jovens, na vivência de sua sexualidade atual e futura.

Verifica-se que em nenhum outro período a sexualidade esteve tão presente nos meios de comunicação como atualmente. Hoje a geração que fez a revolução sexual nas décadas de 1960 e 1970, está pasma com a precocidade e a liberalidade da vida sexual dos jovens. Esses, muitas vezes ingressam-se na mesma, expondo-se a uma gravidez indesejada, ao abuso sexual, à contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, por falta de uma devida orientação.

O que ocorre em nossos dias é o domínio da fala da sexualidade, mas esta ainda é reprimida, preconceituosa, repassada à nova geração de maneira fragmentada, como nas décadas passadas. A mídia, que veicula programas extremamente erotizados e campanhas preventivas, quanto a DST/AIDS, muitas vezes geram ansiedade e tensão nas crianças e jovens. Os mesmos não podem compreender por completo o significado das mensagens transmitidas e muitas vezes constroem conceitos e explicações errôneas e fantasiosas sobre a sexualidade. Assim, percebe-se a relevância de esclarecimento do tema, através da orientação da infância e da juventude, que deve ser realizada pela família, escola e sociedade.

É papel da família educar sexualmente os filhos. A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, através das relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as

crianças assumam. Mas o conservadorismo, ainda existente no espaço privado, impede o estabelecimento de diálogos e esclarecimento de dúvidas no âmbito familiar.

Assim, as crianças e jovens levam consigo todos os anseios e curiosidades para a escola, onde são manifestados através de atitudes ou questionamentos. Cabe a ela desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa. Sendo assim, os educadores vêem-se no dever de orientar seus alunos. Devem contribuir para que eles sejam mais bem informados. Devem orientá-los, complementando a educação oferecida pela família.

O trabalho com o tema Orientação Sexual bem organizado dentro da escola articula-se, portanto, com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes. A existência desse trabalho possibilita também a realização de ações preventivas das doenças sexualmente transmissíveis, de forma mais eficaz, além de contribuir para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada. As informações corretas, aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas.

1.1 As Fases do Desenvolvimento da Sexualidade Infantil

Até o século XVII quando a sociedade burguesa estava em ascensão, a infância não era sequer reconhecida como um período bem individualizado da vida humana. Nesse enfoque, a criança era vista apenas como um pequeno adulto, não recebendo uma educação específica e tendo que, muito precocemente, conviver com o trabalho e com as preocupações próprias dos adultos.

Foi com a ascensão da burguesia, que surgiam vários movimentos de valorização da cultura, passando a ser exaltada a pureza infantil, ligada a um processo de revalorização de alguns movimentos religiosos. Compreendia-se, então, a prática do sexo como uma atividade pecaminosa e não merecedora da aceitação divina e social.

Assim, as crianças, por não terem os genitais externos ainda desenvolvidos e por não praticarem atividades sexuais, estavam em estado de pureza, isentas assim de qualquer "culpa". Acreditava-se ser essa "inocência" proveniente da ignorância sobre o sexo, sendo, então, defendida a postura da conservação dessa inocência pela manutenção da ingenuidade infantil. A partir desses conceitos, foi valorizado um tipo de educação que ao mesmo tempo

mantinha as crianças desinformadas e impunha-lhes um padrão repressor de comportamento, visando-se mantê-las afastadas da curiosidade e dos conhecimentos sobre a sexualidade.

As heranças sociais de tais padrões educacionais podem ficar bem evidenciados na angústia que grande parte dos adultos atuais sofre frente às manifestações da sexualidade infantil, como, por exemplo, a masturbação ou indagações sobre questões sexuais. Infelizmente, pode-se notar que atualmente, em pleno século XXI, em algumas instituições familiares e escolares, ainda vigora esse tipo de educação, que reprime, ao mesmo tempo em que nega a sexualidade do ser humano durante a infância.

Uma conseqüência interessante que esse enfoque ainda conserva é o freqüente uso de crianças nas mais diversificadas mensagens e propagandas publicitárias, mesmo aquelas não dirigidas a um público infantil. Parte-se do princípio que, como é inocente, a criança diz apenas a verdade, não mente; assim, se recomenda um determinado produto é porque ele é realmente bom.

No início do século XX a sexualidade infantil ganha novas concepções. Em 1905 Sigmund Freud publica seu trabalho sobre a sexualidade infantil, que será revisto até 1920.

As idéias básicas desse trabalho, e aparentemente óbvias para nós, atualmente, causaram um espanto e um repúdio tão grande, que Freud foi considerado por muitos como um perverso, neurótico e inconseqüente. Foi necessário que o tempo passasse e a humanidade tornasse-se um pouco mais flexível em relação à sua sexualidade e seus modelos afetivos, para que muito da hipocrisia da sociedade em que Freud vivia fosse desmascarada, e o seu trabalho encarado como uma contribuição fundamental para a compreensão da psique humana.

Vários especialistas em comportamento humano observam que, no decorrer de suas análises, que as fases do desenvolvimento individual se organizam de acordo com a parte do corpo em que a libido está momentaneamente concentrada, em conseqüência das necessidades fisiológicas e dos cuidados de higiene porque passa a criança em seus primeiros anos de vida, estabelecendo, assim, a primazia de uma zona erógena do corpo. As fases pré-genitais são nomeadas pela parte do corpo onde está concentrada a libido (fase oral, anal e fálica) que, por hipótese, num transcurso normal do desenvolvimento, deve alcançar um período de latência, que se situa entre os sete e treze anos de idade, até, finalmente, chegar à fase genital, onde alcança sua plenitude por volta dos dezoito anos de idade.

A primeira fase do desenvolvimento da sexualidade é denominada por Freud de Fase Oral. Vai desde o nascimento até o desmame, estando sob a primazia da zona erógena bucal. É pela boca que a criança começará a provar e a conhecer o mundo externo. O seio e a mamadeira são os primeiros objetos de prazer que a criança tem contato, à medida que saciam a fome que causa tensão no organismo. A criança procurará repetir a sensação prazerosa de satisfação que ocorre com a alimentação, tentando reproduzi-la, independentemente da necessidade fisiológica, levando à boca todos os objetos que estiverem disponíveis: dedo, chupeta, chocalho, fraldas, etc.

A mãe passa a ser, então, uma figura ligada à satisfação, ao prazer do ato de mamar, a quem a criança está identificada. A mãe constitui-se, primitivamente, no primeiro objeto de amor a quem a pulsão se liga fora do corpo da criança. Ela incorpora o leite através do seio e sente a mãe dentro dela como um só ser. A esse primeiro momento narcíseo, tem-se uma forma passiva de manifestação da Fase Oral. Tudo que a criança encontra é levado à boca, visando a apreensão em si mesma, numa relação incorporativa do mundo que a cerca.

Num segundo momento, paralelo aos sofrimentos da dentição, a criança manifesta uma pulsão agressiva, destrutiva, mordendo tudo que vier à boca. É desse momento de agressividade, frente ao objeto amoroso, que a criança extrairá subsídios afetivos para futura combatividade social. Para a criança, amar significa incorporação oral e o mastigar atualiza fantasias destrutivas.

Um bom desenvolvimento dessa fase resulta num modelo afetivo saudável. De acordo com Freud, uma frustração na Fase Oral estabelecerá a preponderância da agressividade e da destrutividade do objeto amoroso e de determinadas características da personalidade do indivíduo. Adultos que, por alguma razão, foram privados quando crianças da Fase Oral poderão ter o hábito de chupar o dedo, levar objetos à boca, for fumantes, bebedores, comilões, toxicômanos etc.

A segunda fase do desenvolvimento da sexualidade recebe o nome de Fase Anal. A libido passa da organização oral, gradativamente, sem evidentemente abandoná-la de todo, para a Fase Anal, aproximadamente entre um a três anos de idade. Esta zona passa a ter uma importância significativa, paralelamente ao aprendizado do asseio esfínteriano. A mãe passa de nutridora incondicional da Fase Oral à exigente disciplinadora dos hábitos de higiene, criando um sentimento de ambivalência da criança em relação a ela. Segundo Suplicy:

as fezes passam a ter então um valor simbólico, constituindo-se no primeiro produto que a criança oferece ao mundo - que efetivamente lhe pertence - é uma produção própria. É através desse produto que a criança cria uma fantasia de valor simbólico das fezes. No ambiente seguro para a criança, as fezes passam a representar um presente a ser ofertado aos pais; quando, ao contrário, o ambiente é hostil e exige uma disciplina rígida quanto aos hábitos de higiene, a criança se recusa a oferecer as fezes ao mundo externo, ou seja, sua produção, seu presente. Doar seu produto no momento em que é solicitado torna-se uma maneira de presentear à mãe, ao contrário, a recusa é uma resposta negativa frente ao desejo materno. (1993)

Ao atingir o controle esfinteriano, a criança descobre a noção de seu poder, da sua propriedade privada - as fezes que ela oferece ou não quando ela quer. Esse símbolo se desdobrará ao longo da vida no dinheiro, nos objetos preciosos, no controle, na posse, etc. Segundo Freud, uma vivência negativa nessa fase tornará o sujeito exigente, manipulador, controlador, obsessivo por limpeza e arrumação, mesquinho em relação à suas posses.

A terceira fase do desenvolvimento da sexualidade infantil, a Fase Fálica, ocorre dos quatro aos sete anos aproximadamente, e é marcada pelo interesse sobre a diferença anatômica, isto é, sobre os genitais. É marcada também por um momento decisivo para a formação do sujeito - "O Complexo de Édipo". As curiosidades sobre as diferenças entre os meninos e as meninas se voltam para o órgão sexual masculino. O pênis, por ser visualmente destacado, passa a ter um significado de referência. O menino, que possui o pênis, encara a falta na menina como uma ameaça à sua integridade física. A fantasia de que todos são iguais e que, por algum motivo, as meninas foram punidas e castradas, leva o menino a temer a castração. Já a menina, a priori, encara a diferença como uma perda irreparável. O clitóris representa para ela o pênis não desenvolvido, que foi castrado. Surge, nessa fase, o "Complexo de Castração".

O Complexo de Castração está ligado ao núcleo do Complexo de Édipo e surge como uma ameaça real ou fantasmática de castração. O menino teme ser castrado pelo pai a quem ele ama e odeia. O ódio está diretamente ligado ao relacionamento especial que a figura paterna mantém com seu objeto de amor - a mãe. A autoridade do pai interpõe-se na relação amorosa do menino com a mãe - na angústia de ser castrado pelo pai, como castigo do seu desejo pelo objeto amoroso proibido.

O caminho da menina é diferente, pois ela entra no Complexo de Édipo, ou seja, no triângulo amoroso mãe-pai-filho, não com o temor da castração, pelo desejo do objeto proibido (a mãe), como acontece com o menino, e, sim, já castrada, procurando o pênis do

pai, o falo, que é o representante do poder, onde reside em última instância o desejo da mãe. A menina, sentindo-se castrada desse poder, vai em busca na direção do pai. A menina, então, introjeta os valores femininos imitando a mãe para seduzir o pai. Em busca do que falta a ela e à mãe, acaba por identificar-se com a figura feminina. O declínio do Complexo de Édipo na menina é mais complicado.

A Fase de Latência é a quarta fase do desenvolvimento da sexualidade infantil. Com a resolução dos conflitos edípicos, pela repressão ou recalçamento do interesse sexual pelos seus pais, por volta dos sete aos treze anos, surgem as faculdades de sublimação, que permitem ao indivíduo a conquista do mundo exterior - a socialização efetiva da pessoa. É nessa fase que surge a competência e a disposição para um desenvolvimento intelectual abrangente.

A última fase, a Fase Genital, ocorrida aproximadamente dos treze aos dezoito anos, coincide com a adolescência, caracterizando-se por mudanças corporais e psicológicas. Nessa fase, o indivíduo apresenta um corpo em desenvolvimento e uma mente se descobrindo. Descobrindo o pensamento, os desejos e até mesmo o próprio corpo. Nessa idade, o espaço psíquico é tomado por fantasias que englobam a capacidade de pensar e a sexualidade centrada nos órgãos genitais. O corpo infantil cede lugar ao corpo adulto.

Desse modo, observa-se que a sexualidade toma diversos rumos no desenvolvimento sexual humano. Durante o desenvolvimento, a criança passa por várias situações de autoconhecimento, a princípio do próprio corpo, a seguir do corpo das outras pessoas e por fim, da descoberta do prazer ligado aos seus órgãos sexuais. Ao longo de sua existência, toma consciência de sentimentos e sensações que não estavam ligados ao seu universo infantil e, então, começa a busca do outro para com ele fazer-se completo.

De acordo com as fases de desenvolvimento da sexualidade infantil, a curiosidade das crianças é distinta em cada faixa etária. Determinados acontecimentos ocorrem especificamente em determinada época, porém, vale salientar que estes deixam marcas nos períodos subsequentes. Primeiramente, o bebê vive uma autodescoberta de seu próprio corpo. Descobrir-se um ser único, diferenciado dos outros seres e superfícies exteriores no plano corporal é algo bastante significativo. A primeira curiosidade da criança está voltada para o seu próprio corpo, percebendo as partes que o compõem e estabelecendo relações entre sensações e experimentações vivenciadas através do contato com o ambiente externo. Segundo Kaplan

(1983), assim que um bebê, seja menino ou menina, consegue controlar suas mãos, vai procurar os órgãos genitais. Ele aprende a fazer isso porque estes órgãos estão diretamente ligados ao centro de prazer no cérebro.

Em seguida, a curiosidade sexual infantil está centrada na eliminação das fezes e urina. A criança tem curiosidade em descobrir como é capaz de produzir e eliminar as fezes e urina. Observar e manipular estas matérias são motivos de curiosidade e prazer para os pequeninos. Porém, é nessa etapa do desenvolvimento sexual que a criança sofre maiores interferências da educação repressora.

A família comunica à criança que o prazer advindo desta região não é aceito pelos adultos. A vergonha que o adulto demonstra em relação aos seus órgãos genitais é assim transferida para a criança. Vilela diz que nesta fase, é novamente exercida a repressão através da demonstração de nojo e desagrado. As regras sociais vigentes para as funções fisiológicas de evacuar e urinar são rigorosas, sendo intolerável qualquer transgressão.

É importante lembrar que a comunicação de desamor por parte da mãe função materna é o mais eficiente dos recursos de repressão aos sentimentos de prazer e liberdade em relação ao controle dos esfínteres. Essa repressão foi, em tempos passados, realizada através da comunicação oral. Hoje, com as constatações científicas de que este comportamento repressivo não apresenta benefícios para a criança, a comunicação oral vem sendo substituída pela comunicação corporal.

Após esta fase de repressão, a criança começa a perceber a diferenciação de gênero. A sua curiosidade a respeito da sexualidade volta-se para a diferenciação dos sexos. É comum a essa etapa do desenvolvimento que as crianças manifestem sua curiosidade através da exibição de seus órgãos genitais a outras crianças da mesma idade ou até mesmo aos adultos ou queiram ver os órgãos genitais das crianças do sexo oposto ao seu. O porquê as meninas são diferentes dos meninos, porque têm genitálias distintas, são indagações que a criança procura respostas.

Depois de compreender a diferenciação dos sexos, a criança começa a querer saber coisas sobre o seu nascimento. Sua curiosidade reside na questão de como nasceu, como foi parar na "barriga de sua mãe", como saiu de lá. As indagações e dúvidas da criança giram em torno da concepção, gestação e parto. É importante salientar que quando a criança pergunta sobre estas questões deve-se dar a ela respostas verdadeiras e objetivas. Responder que

"nasceu dentro de um repolho", "foi trazida pela cegonha", ou qualquer outra resposta aberrante e absurda como estas, pode gerar confusão à criança. Deve-se considerar que a criança é capaz de compreender respostas tanto quanto é capaz de elaborar perguntas.

Mais adiante, as curiosidades das crianças dizem respeito às questões ligadas à puberdade e adolescência. Curiosidades sobre as transformações ocorridas no corpo, sobre os aparelhos reprodutores masculino e femininos, sobre o namoro, a relação sexual, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis.

No mundo atual, onde a mídia faz constantes apelos à sexualidade, exibindo propagandas, programas, filmes e novelas televisivas intensamente erotizados, ao mesmo tempo em que, por outro lado, as instituições sociais reprimem e colocam tabus, mitos e preconceitos à sexualidade, as crianças são perturbadas por um leque de dúvidas e curiosidades a respeito das questões que não podem compreender por completo.

Desse modo é necessário é essencial que a escola reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, garantindo às crianças o desenvolvimento de sua sexualidade de maneira saudável e prazerosa.

CAPÍTULO II

A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Por que devemos tratar da sexualidade no espaço escolar? Que ligação há entre sexualidade e educação? Não seria a Orientação Sexual algo a ser tratado exclusivamente pela família?

Estes são os principais questionamentos que são levantados ao discutir-se a temática da Orientação Sexual nas instituições escolares. Questionamentos, que muitas vezes são utilizados até mesmo por educadores, como desculpas para a não tratarem do tema em sala de aula. Estudos mostram que, mesmo ciente da responsabilidade que tem no processo de desenvolvimento da sexualidade das crianças, juntamente com outras instâncias da sociedade, a escola nem sempre se envolve com o tema na intensidade necessária, e, muitas vezes, quando o faz, é de modo reducionista, atendo-se às questões biológicas da reprodução.

Assim, o presente estudo tem o propósito de esclarecer a importância da Orientação Sexual na escola e apontar a relação existente entre sexualidade e educação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo segundo, referente aos Princípios e Fins da Educação Nacional, declara, que a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996)

Cita também, no artigo vinte e nove, que se refere à Educação Infantil:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996)

Se a lei que rege a educação escolar brasileira tem por finalidade o desenvolvimento integral do educando, a escola, para asseverar o alcance desse objetivo, há de educar sexualmente as crianças. A sexualidade humana é parte integral do desenvolvimento e da personalidade. É uma necessidade básica do ser humano que não pode ser separada de sua vida, nem mesmo dos outros aspectos que o integram. A questão da sexualidade envolve sentimentos, pensamentos e ações. Portanto, encontra-se não só no mundo adulto, mas

também no infantil, o tema sexualidade tem uma extraordinária importância no desenvolvimento pleno do indivíduo. Se a escola, ao educar, não educa nem capacita a criança a lidar com sua própria sexualidade, não estará educando-a integralmente.

As crianças, ao adentrarem os muros da escola, não deixam de fora suas dúvidas, conflitos, desejos, angústias ou fantasias, relacionadas à sexualidade. Ao contrário, todas estas incertezas as acompanham e manifestam-se, de forma verbalizada ou não, nas atitudes e comportamentos escolares. As manifestações mais frequentes nas séries iniciais são: a manipulação curiosa dos genitais e as brincadeiras que envolvem contato corporal. É comum nessas séries a curiosidade sobre concepção, parto, relacionamento sexual, camisinha, homossexualismo e AIDS. Muitas vezes a curiosidade se expressa de forma direta. Outras vezes, surgem implícita em brincadeiras erotizadas, piadas, expressões verbais, músicas, etc. Observa-se também que as crianças reproduzem manifestações de sexualidade adulta vistas na TV ou presenciadas, as quais não compreendem plenamente.

É de absoluta necessidade que a escola, como instituição educacional, se coloque de forma clara e conscientemente sobre as coisas, os fatos e limites com os quais irá trabalhar as diversas expressões de sexualidade dos alunos. Sendo apropriado para o espaço escolar o esclarecer de dúvidas e buscar responder as curiosidades sobre a sexualidade, é importante que a mesma contribua para que a criança diferencie as diversas manifestações que fazem parte da sua intimidade e privacidade das expressões que a sociedade aceita.

O trabalho de Orientação Sexual na escola pode, ainda, contribuir para a eficácia do processo ensino-aprendizagem. A sexualidade relaciona-se ao aspecto emocional, que está intimamente relacionado aos desenvolvimentos intelectual e social. Ela interfere diretamente no desempenho escolar. Quando a criança possui curiosidades e angústias a respeito da sexualidade, o aspecto emocional da mesma fica abalado. As emoções manifestam-se na maneira de agir. Emoções negativas podem resultar em comportamentos hostis, passivos, indiferentes, presenciados no espaço escolar, ou mesmo em dificuldades de aprendizagem. Assim, Egypto afirma que “o papel da escola na Orientação Sexual é apresentar diferentes visões e colocar valores em discussão.” (2003).

A escola é um lugar privilegiado para discutir-se a temática da sexualidade. Ela, sendo uma instituição social, atende crianças de todas as faixas-etárias, classes sociais e etnias. É na escola que as crianças passam um bom período de tempo diário. Assim, a escola constitui-se

uma parceira da família na educação sexual das crianças. De acordo com Egypto, é importante perceber que a família tem um papel primordial, essencial, na educação dos seus filhos. Mas se a escola não participar, vai deixar o jovem muito a mercê de experiências que provavelmente não vão dar conta dos medos, das ansiedades, das dúvidas e dos questionamentos que vão se desenvolvendo ao longo da vida.

Trabalhar com o tema Orientação Sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental só vem a contribuir na prevenção de problemas graves, como o abuso sexual, uma possível gravidez indesejada na adolescência ou a aquisição de doenças sexualmente transmissíveis. Quando a pessoa aprende a lidar com a sexualidade de maneira saudável e natural, desde a infância, quando adolescente, terá condições de tomar atitudes pautadas na reflexão consciente. Para a prevenção do abuso sexual faz-se importante o esclarecimento de que brincadeiras em grupo que remetem à sexualidade são prejudiciais quando envolvem crianças/jovens de idades diferentes ou quando são realizadas entre adultos e crianças.

Enfim, pode-se afirmar que ao arraigar a disciplina de Orientação Sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura.

2.1 A Postura do Educador

Até que ponto os professores podem ajudar e orientar sexualmente os alunos se são portadores de atitudes e preconceitos, de conhecimentos insuficientes e fragmentados e não dominam as técnicas e capacidades pedagógicas para o trabalho neste domínio? Até que ponto estão habilitados a enfrentar com êxito o desafio de educar para uma sexualidade sã, feliz e responsável? Essas são algumas das muitas questões levantadas em relação a postura dos professores ao se depararem com o tema Orientação Sexual.

Certamente não são poucos os educadores que, em algumas ocasiões, sentiram nervosismo e constrangimento ao surgir, dentro ou fora da sala de aula, o tema da sexualidade, desviando as perguntas que provocam bloqueios emocionais e para as quais não têm respostas objetivas e oportunas. Uma palavra, um gesto, um silêncio, um comentário ou uma conversa repercutem indubitavelmente na psique das crianças.

No âmbito educacional, sabe-se a dificuldade da escola e dos profissionais da educação em trabalhar o tema Orientação Sexual, ambos são desprovidos de preparação e

capacitação para o realizarem de forma eficaz. Não possuem auxílio de políticas governamentais, as quais pouco têm feito, relativo à capacitação do corpo docente. Os educadores possuem dificuldades, a medida que cresce nos alunos, curiosidades e dúvidas.

Atualmente, em sua grande maioria, os professores são frutos de uma geração onde a sexualidade não era abordada no espaço escolar. Reprimida e rejeitada pelos valores morais, culturais e religiosos como sendo algo pecaminoso e subversivo, as manifestações da sexualidade na escola eram motivos de escândalo. Muitos desses professores não receberam uma devida orientação ou mesmo informação sexual adequada. Ao longo da construção de suas identidades sexuais, foram aglomerando consigo mitos, tabus e valores constituídos e reforçados por uma sociedade preconceituosa. Assim, incluir em sua prática educacional a Orientação Sexual é um desafio. Sentem-se despreparados e desencorajados para lidar com o tema.

Outra situação que dificulta aos professores a inserção da Orientação Sexual na escola de ensino fundamental é a censura e a resistência familiar. Em nossos dias atuais ainda existem famílias que acreditam que o trabalho da sexualidade com crianças é desnecessário, podendo o mesmo causar uma incitação precoce ao sexo, nos levando a ver que tabus, preconceitos e valores estão fortemente presentes no cotidiano familiar, tornando-o conservador e não permitindo discussões a respeito do assunto.

A carência de materiais adequados para a abordagem do tema é mais um fator gerador de elevada angústia dos professores, que se sentem despreparados para assumir tal desafio. Apesar da descoberta da sexualidade infantil e do conhecimento de sua importância, a literatura sobre essa temática ainda é restrita, sendo limitado aos professores o conhecimento teórico.

A partir do conceito que se tem sobre a sexualidade e o reconhecimento de sua importância no desenvolvimento global, serão apontados as possibilidades e os limites da atuação nesse campo para os educadores. Percebe-se a importância dos cursos de formação de professores, quer seja inicial ou continuada, dar mais atenção para esta demanda, incluindo em seus programas aspectos da formação do educador sexual para os anos iniciais do ensino fundamental.

No desenrolar do seu trabalho, o professor deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da

sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento. Tais manifestadas não devem ser vistas pelo professor como aberrações, que devem resultar em condenação e punições. Deve-se ter o cuidado para não humilhar ou expor o aluno a uma situação constrangedora. Ao mesmo tempo em que oferece referências e limites, o professor deve manifestar a compreensão de que as manifestações da sexualidade infantil são prazerosas e fazem parte do desenvolvimento saudável de todo ser humano. Dessa forma, o professor contribui para que o aluno reconheça como lícitas e legítimas suas necessidades e desejos de obtenção de prazer, ao mesmo tempo em que processa as normas de comportamento próprias ao convívio social.

O professor deve estar sempre atento ao modo e às diferentes formas de como os alunos se expressam. Muitas vezes a repetição de brincadeiras, apelidos ou paródias de músicas alusivas à sexualidade podem significar uma necessidade não verbalizada de discussão e de compreensão de algum tema. Deve-se então atender a esse pedido. Faz – se necessário que o professor tenha jogo de cintura para lidar com estas formas de expressão e supostas provocações das crianças, aproveitando a oportunidade e dando início a uma conversa sobre sexualidade. É importante lembrar que o professor não deve levar comentários dos alunos para o lado pessoal, nem se sentir agredido por eles. As crianças não agem assim para agredir. Na verdade, elas apenas manifestam seu desejo de saber mais sobre o tema ou conhecer a posição do adulto.

Ao longo da sua atuação como um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão, que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o professor deve ter discernimento para não transmitir seus próprios valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas. O professor, assim como o aluno, possui expressão própria de sua sexualidade, que se traduzem em valores, crenças, opiniões e sentimentos particulares.

Uma das muitas dificuldades em relação à Orientação Sexual na escola é o afastamento existente entre professor e aluno. Para que haja um trabalho significativo, é indispensável que se estabeleça entre alunos e professores uma relação de confiança e amizade. As crianças dificilmente apresentarão suas dúvidas e curiosidades de forma clara e objetiva, muitos por temerem a reação do professor. Para isso, o professor deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder as perguntas de forma direta e esclarecedora.

Informações corretas, do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem-estar e tranquilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo.

A sexualidade infantil é ligada estruturalmente a qualquer criança e sua demonstração será particular a cada uma, sendo que aos educadores cabe conhecê-la, respeitá-la, conduzi-la de forma adequada, sem estimulação nem repressão e tendo sempre em mente uma auto-reflexão de sua própria sexualidade.

CAPÍTULO III

PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DA PESQUISA

3.1 Estudos de Caso

Esta Pesquisa teve como metodologia o Estudo de Caso, por apresentar um procedimento bastante objetivo que auxiliou na coleta de dados e também por ser o mais adequado quando se tem apenas um objeto de pesquisa selecionado.

Compreende-se por estudo de caso: *“uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados.”* (GIL, apud: Matos, 2001.)

O estudo de caso vem a possibilitar uma maior facilidade operacional, e isso faz com que essa modalidade de pesquisa seja uma das mais utilizadas pelos investigadores, pois com um único objeto de pesquisa é possível obter grandes quantidades de informações. *“Diferencia-se dos estudos quantitativos porque estes últimos buscam obter informações padronizadas sobre muitos casos.”* (ROESE, apud Matos, 2001).

Destarte, entende-se que a escolha pelo Estudo de Caso foi a melhor possível, tendo em vista que garante as informações necessárias, a partir de uma amostragem reduzida, economizando custo e tempo proporcionando uma análise profunda do tema abordado.

3.2 Análise dos Dados dos Questionários dos Professores

Esta pesquisa contou com a colaboração de 05 professores, sendo 03 com graduação e 02 com o curso Normal Médio (pedagógico). Com relação ao tempo de atuação no magistério pude constatar que varia entre 20 e 27 anos de atuação, com os professores, a coleta de informações foi bastante tranqüila, onde todos se dispuseram a responder as questões.

Na primeira questão, foi indagado se como educador (a) considera-se preparado para falar sobre sexualidade em sala de aula. Os professores A, B e D disseram que mais ou menos, pois ainda há certa resistência por parte tanto dos educandos quanto dos educadores em tratar da questão da sexualidade seja por falta de material ou por receio dos próprios educandos em se dirigir ao professor para tirar dúvidas ou questioná-los sobre a sexualidade

dentro das salas de aula. Já os professores C e E disseram que sim, sentem realmente dificuldade por não ter preparo para tratar do tema.

A segunda questão perguntou se eles discutem a questão da sexualidade em sala de aula, de forma sucinta todos responderam que sim. Na terceira questão foi perguntado se na sua formação eles tiveram acesso a conhecimentos relativos a orientação sexual. Os professores C e E disseram simplesmente que não sem atenuar qualquer justificativa, enquanto o professor A relatou não e que o conhecimento que tem hoje foi adquirido por meio de leituras provenientes da necessidade encontrada em sala de aula; os professores B e D também disseram não, justificando que na época em que concluíram seus cursos esse tema sofria repressões por meio de pais e professores. Ficando assim evidenciado que a quebra de receios e de barreiras com relação ao tema fica a cargo do professor, uma vez que este é o mediador e construtor do processo ensino-aprendizagem. Conforme os PCNs:

é necessário então que o educador tenha acesso a formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens... (2001, 123.)

A pergunta da quarta questão era a seguinte: a escola na qual trabalha tem demonstrado interesse em realizar projetos sobre Orientação Sexual. A professora C disse que não sem justificativa, já as professoras A, B, D e E responderam que sim, pois será por meio de nossos ensinamentos que os nossos alunos não irão buscar certas orientações ou dúvidas em outros lugares, isso faz com que a escola se torne o principal espaço da educação sexual, pois envolve sentimentos e desejos não podendo ser abordado só com a explicação sobre o funcionamento do aparelho reprodutor.

O último questionamento se refere a qual é o tema sobre sexualidade ele considera mais relevante para serem abordados em sala de aula. O professor A e D disseram ser importantes tratar sobre as modificações do corpo e a fecundação, já o professor B e E disse ser essencial trabalhar as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), pedofilia e a questão do abuso sexual contra crianças, a professora C a questão da homossexualidade.

Durante a pesquisa, pôde-se observar também que grande parte dos educadores, fruto de uma educação conservadora, vê o sexo como algo pecaminoso e perverso e a sexualidade

como uma questão que deve ser discutida apenas com alguém muito íntimo, e de forma reservada.

3.3 Análise dos Dados dos Questionários dos Alunos

Através de uma pesquisa realizada com alunos do 5^a ano do Ensino Fundamental com a faixa etária de nove a quatorze anos, de uma instituição pública de ensino, pôde-se verificar quais são os principais questionamentos, dúvidas e curiosidades das crianças no tocante à sexualidade, nessa faixa etária. Os alunos responderam perguntas, dispensando-se identificação, estas dificultaram a análise devido a ilegibilidade da escrita, muito embora as respostas foram curtas e diretas, o que me leva a perceber uma grande dificuldade na parte de interpretação. Foram realizadas 05 perguntas onde mostraram que as crianças desejam ter suas dúvidas sanadas. Percebe-se a consequência da repressão sexual no comportamento infantil.

A primeira questão perguntava se eles em algum momento ouviram falar em sexualidade, contendo alternativas para marcar sim ou não. Nessa questão a maioria dos alunos respondeu que sim, sem apresentar justificativa alguma e apenas respondeu que não.

A segunda questão perguntava se para eles era interessante estudar o tema sexualidade e o por quê? No tocante a esta questão a maior parte dos alunos respondeu que estudar esse tema seria interessante porque além de informá-los sobre as várias questões que envolvem a sexualidade, eles iriam poder obter informações que a família não os dá, ficando assim evidenciado como é importante a escola trabalhar a questão da sexualidade com seus alunos. Pois de acordo com Egypto:

É importante perceber que a família tem um papel primordial, essencial, na educação de seus filhos. Mas se a escola não participar vai deixar o jovem muito a mercê de experiências que provavelmente vão dar conta dos medos, das ansiedades, das dúvidas e dos questionamentos que vão se desenvolvendo ao longo da vida. (2003, 15.)

A terceira questão pergunta sobre quem falou pela primeira vez sobre sexualidade. Nesta questão todos responderam de forma direta que foi a sua professora, deixando assim, cada vez mais claro a fundamental importância do educador na construção do conhecimento e do caráter do aluno.

A quarta pergunta foi como a sua família discute o tema sexualidade em casa. Nesta pergunta obtive de 80% dos alunos a seguinte resposta: não sem qualquer justificativa, 20%

disseram que aprendem sozinhos, pois os pais não gostam de falar “disso”, ou seja, quando os filhos tocam no assunto eles fojem, pois não se sentem preparados para conversarem com seus filhos, sobre o tema em questão, assim fica claro a falta de preparo e de informação dos pais.

A quinta questão perguntou em qual lugar mais se escuta falar em sexo? Oferecendo alternativas, 13 alunos responderam que foi na escola, 07 disseram que foi através de programas de TV e 05 responderam que na escola, através da TV e entre colegas e assim mais uma vez a escola foi citada como o lugar onde mais eles ouviram falar de sexualidade, o que exige cada vez mais um preparo dos docentes, pois segundo Teles;

As pessoas encarregadas para a orientação sexual na escola devem ter autenticidade, empatia e respeito. Se o aluno está faltando neste campo, cabe a escola preencher lacunas de informações, erradicar preconceitos e possibilitar as discussões das emoções e valores. (1992, 51.)

Nesta perspectiva, sabe-se que é um desafio a quebra silêncio, do tabu, da vergonha para o diálogo entre pais, filhos e educadores. Este é o caminho para assumir uma postura sem preconceitos, que aceite o outro de forma integral, como pessoa e entenda as suas necessidades, seus instintos ajudando-os a trabalhar com as dificuldades que surgem.

Nessa concepção há muito o que aprender para fazer com que nos próximos anos, escola e sociedade aprendam a se comportar para tratar da sexualidade sem preconceitos e tabus.

3.4 Análise da Regência

Para dar início ao processo de estágio, antes foi necessária uma primeira visita a Escola Estadual de Ensino Fundamental Cônego Manoel Jácome. Muitas idéias a respeito da escola foram sendo formada à medida que se identificava os mais diversos aspectos do ambiente escola.

Na primeira visita foi realizada uma conversa informal com o gestor e com a professora regente da turma na qual iria realizar os trabalhos de estágio, pois seria preciso uma observação das atividades em sala. Em nenhum momento houve obstáculos por parte do gestor e o que é melhor, a professora foi super receptiva.

No tocante ao ambiente escolar, o que foi verificado foi que a mesma é bem vista por toda a comunidade, haja vista que a mesma realiza seus trabalhos em conjunto com a comunidade, o que só tem a contribuir para um eficiente trabalho de formação dos alunos.

Com relação aos membros da escola, faz-se necessário ressaltar que ocorre alguns conflitos entre auxiliares e professores, mas todos buscam conviver de forma pacífica.

A escola convive também com críticas por parte dos pais dos alunos, que em sua maioria não possui formação e não valorizam as atividades realizadas pela escola. Surgem muitas críticas com relação a participação do corpo discente nos eventos realizados pela mesma, ignorando qualquer manifestação cultural estabelecido pela comunidade escolar.

No geral, a escola apresenta-se como uma unidade escolar que caminha sozinha e sabe como solucionar problemas surgidos, sempre buscando um melhor para todos que fazem parte dela, corpo docente discente e pais de alunos.

Na realidade, a escola é composta de grupos originários das mais diversas camadas da sociedade. Sendo seu corpo discente a maioria das classes baixa das zonas rurais e urbanas.

Após a visita a escola, iniciamos o nosso estágio em uma turma do 5º ano no turno da manhã na referida escola.

Na primeira semana foram trabalhados diversos textos com temas sobre sexualidade, sempre iniciado com uma conversa antes de adentrar em cada tema, dessa forma, os alunos se mostraram bastantes curiosos com a idéia de conhecer o corpo humano de forma dinâmica e diferenciada das formas convencionais. O objetivo de se trabalhar a questão da sexualidade era de se resgatar a questão da família em relação a sexualidade, assim como mostrar as reais diferenças entre o corpo feminino e o masculino, a fim de proporcionar meios que possibilitem ao educando manifestar suas dúvidas sobre sexualidade e poder saná-las. A idéia deu certo, tanto que no decorrer das atividades tudo foi bastante produtivo, pois ao buscar o conhecimento prévio dos alunos acerca do tema em questão pude observar que em sua grande maioria relataram que em casa as famílias não contribuem para que dúvidas sobre o assunto sejam esclarecidas.

O texto "sexa" foi trabalhado de forma coletiva de modo que permitia aos alunos irem se soltando e relatando casos acontecidos com eles parecidos com os apresentados pelo texto,

uma vez que o texto trazia um diálogo onde o filho tinha dúvidas sobre sexo e ao questionar seu pai, o mesmo não sabia com tratar do assunto com o filho, deixando assim a dúvida no ar.

Pelo que pode ser visto, todo esse plano buscou desenvolver um diálogo, levando sempre em consideração o conhecimento prévio do alunado, sem deixar de aprofundar este saber tornando o conhecimento sistematizado, através de esclarecimentos feitos posteriormente a fala de cada um dos educandos.

Nesta perspectiva, tal concepção de aprendizagem busca compreender o conhecimento que o educando já traz consigo, uma vez que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”.(FREIRE, 2000, 29).

É notório que um aspecto riquíssimo desta aula se refere também a questão da oralidade nos educandos, uma vez que cada um deles se dispôs a falar sobre o que era pertinente naquele momento, ficando assim evidenciado todo um trabalho interdisciplinar.

Trabalhando com materiais concretos, nota-se que os alunos se sentem mais seguros em expor seus conhecimentos e dúvidas. Isto foi de extrema importância para introduzir o tema sexualidade, uma parte do conteúdo trabalhado foi os nomes científicos dos órgãos sexuais masculino e feminino, pois os mesmos só conheciam os nomes populares.

A utilização deste material possibilitou que os educandos tivessem a oportunidade de refletirem a cerca do tema em estudo de forma ativa e participativa. Assim, o material permitiu que os alunos descobrissem tanto o conceito quanto algumas características pertinentes ao conteúdo.

Assim é pertinente deixar claro que o uso desse material concreto tornou-se eficiente e significativo na construção da aprendizagem de cada um, na medida em que houve a utilização de alternativas que deram a aula proposta, como cartazes, transparências nos quais foram apresentados os nomes científicos dos órgãos sexuais.

Sempre buscando fixar os conhecimentos, eram realizadas atividades lúdicas e de produção textual, sempre explicando aos educandos a importância de se levar a sério o conteúdo apresentado. E finalmente realizam-se atividades no caderno para verificação da aprendizagem, interagindo e corrigindo junto com os alunos.

Evidente que o desenvolvimento dessas metodologias em alguns momentos tornava-se um pouco difícil, talvez pelo grande número de informação, ou até mesmo pelo fato deles não estarem habituados a trabalhar o tema, no entanto mostrou-se possível e tornou a aprendizagem bem mais interessante, haja vista que desta forma os educandos são levados a construir o conhecimento e agirem de forma crítica e participativa.

Em outro momento do estágio utilizando o recurso metodológico de áudio e vídeo com o tema do filme “como nasci”, no intuito de proporcionar aos educandos uma aula diferenciada e fora das aulas rotineiras e mostrar também na realidade todo o processo de fecundação até nascimento, tendo em vista apresentam uma visão ilusória sobre este processo.

Nas semanas seguintes outros conteúdos foram introduzidos, como o texto “Aninha e João”, que teve como objetivo evidenciar as diferenças entre os papéis sexuais do homem e da mulher dentro do contexto cultural, assim relacionou-se características típicas do comportamento masculino e feminino na sociedade de ontem e de hoje. Para uma maior fixação da aprendizagem foi trabalhada a dinâmica da caixinha “diferentes papéis”.

Em contra - partida, a grande maioria da turma ficou feliz e motivada após a dinâmica, conseguindo caracterizar os tipos de comportamento masculino e feminino, contando com nossa colaboração para esclarecer dúvidas que ia surgindo. É evidente que uns demonstravam mais interesse do que outros e por isso uns terminavam antes que os demais, claro que isso é justificado devido à heterogeneidade da turma.

Dando prosseguimento aos trabalhos foram apresentados materiais contraceptivos como, camisinha masculina e feminina e anticoncepcional, todos com o objetivo ressaltar a importância de cada um e também prevenir graves problemas futuros como uma gravidez indesejada e também doenças transmitidas por relação sexual, sempre trabalhando em equipe de modo a levar os alunos a trabalhar dessa maneira respeitando a opinião do outro acerca do tema em questão

Durante todo o estágio, nas aulas, sempre busquei de diversas formas que todos os educandos interagissem e participassem das aulas, no entanto alguns alunos se mostravam mais tímidos do que os outros, mas mesmo com a timidez, todos relataram fatos acontecidos de maneira bem natural, uma vez que este assunto é do interesse de todos e faz parte da nossa vida cotidiana.

Durante todas as atividades, foram verificadas algumas dificuldades apresentadas pelos alunos em tratar da questão da sexualidade, haja vista que as famílias ainda não estão preparadas para lidar com a questão da sexualidade de forma natural, passando para seus filhos e alunos a mesma dificuldade, dificuldade esta evidenciada a cada dia de aula

Se aproximando o final do estágio foi observada a importância dos alunos, pois estes são sujeitos construtores do seu próprio conhecimento, ao trabalhar questões que envolvem sexualidade no dia-a-dia. Foi trabalhado também a questão da leitura, da escrita entre outros. Foi solicitado aos educandos que eles produzissem um relatório contendo temas importantes considerado por eles, levando em consideração a prática da leitura e da escrita cotidiana como fonte de prazer e conhecimento, estimulando o senso crítico e reflexivo. E assim foram todas as aulas, tendo como base o diálogo, e assim chegou ao fim do período de estágio, um período bem gratificante, pois pude ver nos olhinhos de cada um que de alguma forma as aulas ajudaram a esclarecer dúvidas e incertezas que até então borbulhava nas cabecinhas daqueles pré-adolescentes cheios de expectativas e vontade de aprender.

Ao final de tudo, pudemos ver que a experiência do estágio é inexplicável, sendo fonte de riqueza de uma prática futura, e que exige um planejamento cauteloso e bem objetivo, tendo a escola uma ponte de ligação entre aluno, professor e estagiário, e a mesma deve estar sempre aberta a utilizar novas práticas que estimulem os alunos, favoreçam a aprendizagem e motivem ao professor a entrar em sala, e isso vem sem dúvida com o estagiário que está sempre buscando novas formas de ministrar as suas aulas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a escola um lugar de curiosidades, sonhos, medos, idéias, aprendizagem, conquistas, descobertas etc., esta não pode excluir as manifestações da sexualidade e, sim criar um espaço de discussão aberta e franca sobre ela, deixando de lado os próprios preconceitos, permitindo que cada um se mostre como é: com suas dúvidas, conflitos, medos. É ela, a escola, quem detém os meios pedagógicos necessários para a intervenção sistemática sobre a sexualidade, de modo a proporcionar a formação de uma opinião mais crítica sobre o assunto, permitindo, assim, a satisfação e os anseios dos alunos.

Freqüentemente os educadores se vêem frente a frente com situações ligadas à sexualidade no âmbito escolar. Qualquer atitude por eles tomada, seja silenciar o fato, ignorar, repreender ou esclarecer, repercute na visão da criança a respeito da sexualidade. O educando vê no adulto, no caso específico da escola, no professor, um modelo de comportamento em relação à sexualidade.

Por congregarem assuntos delicados e vistos como íntimos, o trabalho de Orientação Sexual torna-se árduo à maioria dos educadores, que se sentem constrangidos ao abordar a temática da sexualidade. Sentem-se desprovidos de preparação, possuindo conhecimentos insuficientes e fragmentados e ao tentarem realizar a Orientação Sexual, esbarram-se em seus conceitos errôneos, seus mitos, seus tabus e preconceitos, reforçados pela educação e sociedade conservadora.

É necessário que o educador tome consciência de que as manifestações da sexualidade infantil constituem-se em aspectos naturais e integrantes do desenvolvimento humano. Os profissionais da educação também devem estar atentos às diferentes formas de expressão dos alunos, que podem significar uma necessidade não verbalizada de discussão e compreensão de algum tema condizente à sexualidade.

Observamos hoje, que a sexualidade é tratada de forma mais explícita do que antes e, almejamos que amanhã, seja mais que hoje. Quanto mais cedo forem derribadas as barreiras que impedem uma Orientação Sexual eficaz nas instituições escolares, mais cedo teremos a minimização de problemas como a repressão sexual, os problemas de aprendizagem ocasionados por angústias sexuais, o abuso sexual, o preconceito sexual, a gravidez na adolescência e a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis, como a Aids. Assim,

faz-se necessário que haja a implantação de programas de Orientação Sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ressaltando-se que ela deve ser iniciada desde a Educação Infantil

Portanto, na tentativa de se caminhar para uma educação coerente, a qual aspira formar cidadãos, pretende-se demonstrar que a implantação do trabalho de Orientação Sexual na escola é relevante, no sentido de informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando, se não uma isenção total, o que é impossível de se conseguir, uma condição de maior distanciamento pessoal por parte dos profissionais, para empreender essa tarefa.

Parafrazeando Egypto (2003), onde ele afirma que “ o papel da escola na Orientação Sexual é apresentar diferentes visões e colocar valores em discussão,” entende-se que a função da escola é construir individualidades (identidades) e, se é dessa maneira indireta que se dará sua contribuição ao amadurecimento da sexualidade infantil e juvenil, uma enorme transformação precisa ser realizada no seu interior.

Sabe-se que mudar é difícil, a missão é árdua, os desafios são imensos, porém, cabe a cada um ousar e tentar mudar esse quadro, promovendo as mudanças necessárias, pois, como diz Cecília Meirelles, "o vento é o mesmo; mas sua resposta é diferente a cada folha."

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AQUINO, J. G. (org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

BOSSA, Nádía. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (dês)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

EGYPTO, Antonio Carlos. **O projeto de orientação sexual na escola**. In *Orientação na escola: Um projeto apaixonante* – São Paulo: Cortez, 2003.

FOLHA DE S. PAULO. In: *Em 20 anos, Aids já matou 22 milhões*. 5 jun. 2001, p.07.

FOLHA DE S. PAULO. In: *Em 20 anos, Aids já matou 22 milhões*. 5 jun. 2001, p.07.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade III: O cuidado de si**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade III: O cuidado de si**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. São Paulo. São Paulo, 1994.

GTPOS, ABIA, ECOS. **Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia**. 4a ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 1994.

KAPLAN. H.S. **Enciclopédia Básica de Educação Sexual**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. 1.ed. São Paulo: Scipione, 1989.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer conhecer.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001

NOVA ESCOLA: A revista de quem educa. S. P. Editora Abril, n. 191, abr. 2006.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual – Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries) – Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC / SEF, 1996.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.–3ª ed – Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC / SEF, 2001.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação.** São Paulo: EPU, 1990.

ROSEMBERG, Fúlvia. **A educação sexual na escola.** In: Cadernos de Pesquisa, n. 53, p. 11-19, mai. 1985.

SUPLICY, Marta. **Educação e orientação sexual.** In: RIBEIRO, Novas idéias: novas conquistas. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1993.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

_____. **Educação e orientação sexual.** In: RIBEIRO, Novas idéias: novas conquistas. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1993.

_____. **Sexo se aprende na escola.** São Paulo: Olho d'Água, 1998.

TELES, M.L.S. **Educação a revolução necessária.** Petrópolis, R.J: Vozes, 1992.

VIDAL, Diana G. **Sexualidade e docência feminina no ensino primário do Rio de Janeiro (1930-1940).** In: BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloísa B. (Org.). Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil. 34. ed. São Paulo, 1998.

ANEXO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA MONOGRÁFICA

Tema: Orientação Sexual: um desafio nas series iniciais

Universidade Federal de Campina Grande

Unidade Acadêmica de Educação

Centro de Formação de Professores

Cajazeiras-Pb

Caro aluno,

Solicitamos que responda o questionário que segue. O mesmo faz parte de um estudo referente à Orientação Sexual nos anos iniciais do ensino fundamental que culminará em um trabalho monográfico, indispensável para a conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CFP).

Ressaltamos que as respostas servirão apenas para fins acadêmicos, e suas identidades será mantido em absoluto sigilo.

Esperamos contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

Ruth Dayve da Nóbrega Gonçalves.

Questionário

NOME: _____

IDADE: _____

SERIE: _____

ESCOLA: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

1. Em algum momento você já ouviu falar em sexualidade?

sim não

2. Você acha interessante trabalhar com este tema ? Por quê?

3. Como são chamados os órgãos sexuais masculinos e femininos?:

4. Quem lhe falou pela primeira vez sobre sexualidade?

5. Qual é o lugar que você mais escuta em sexo?

escola televisão entre colegas

família outros

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA MONOGRÁFICA

Tema: **Orientação Sexual: um desafio nas series iniciais**

Universidade Federal de Campina Grande

Unidade Acadêmica de Educação

Centro de Formação de Professores

Cajazeiras - Pb

Caro professor,

Solicitamos que responda o questionário que segue. O mesmo faz parte de um estudo referente à Orientação Sexual nos anos iniciais do ensino fundamental que culminará em um trabalho monográfico, indispensável para a conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CFP).

Ressaltamos que as respostas servirão apenas para fins acadêmicos, e suas identidades será mantido em absoluto sigilo.

Esperamos contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

Ruth Dayve da Nóbrega Gonçalves.

Questionário

NOME: _____

ESCOLA: _____

GRAU DE FORMAÇÃO: _____

SÉRIE EM QUE LECIONA: _____

TEMPO DE ATUAÇÃO COMO PROFESSOR: _____

1. Como educador (a), você considera-se preparado(a) para falar sobre sexualidade em sala-de-aula? Justifique.
2. Você discute na sala-de-aula questões relacionadas a sexualidade?
() sim () não
3. Na sua formação, você teve acesso a conhecimentos relativos à Orientação Sexual? Justifique.
4. A escola na qual trabalha tem demonstrado interesse em realizar projetos sobre Orientação Sexual? Justifique.
5. Qual tema sobre sexualidade, você considera mais relevante para serem abordados?